

Lucilia de Almeida
Neves Delgado

Memória, história e representações literárias



Análise dos textos de Carlos Drummond de Andrade e Fernando Brant, que tematizam a cidade de Belo Horizonte na poesia e na crônica, permite estabelecer os vínculos entre literatura e história enquanto espaços comuns de construção da memória.

> **O tempo, a cidade e o urbano, em inter-relação, tecem uma teia frágil e complexa, em que se misturam imagem e imaginário, razão e sentimento.**

Susana Gastal

Literatura, história e cidades

As cidades, sempre complexas e heterogêneas, são traduzidas por diversas formas de representação. O cenário urbano e sua ambientação ora são representados em telas e esculturas produzidas pelas mãos de artistas plásticos, ora em textos de cronistas, poetas e memorialistas, ou ainda em versos de canções, que buscam retratar a alma cidadina.

É usual nos textos literários o desenvolvimento de enredos afetivos sobre a ambiência urbana. São escritos que podemos identificar como vozes literárias da urbe e de seus habitantes. Nesses escritos o tempo e a memória das cidades, em inter-relação, tecem uma trama complexa em que se fundem essas diversas representações e nas quais se evidenciam as fontes para a produção do conhecimento histórico sobre as próprias cidades.

A cidade é também campo fértil para abordagens sobre o imaginário coletivo. É o lugar, por excelência, de inserção do homem como ser social e, portanto, o espaço que incorpora e possibilita uma multiplicidade de olhares e de percepções, traduzidos pelas ricas potencialidades da literatura. Essas traduções de olhares, registradas em textos sempre datados e, portanto, de valor histórico intrínseco, possibilitam um rico diálogo das representações literárias com as histórias das cidades.

A literatura memorialista se transubstancia, dessa forma, em fonte primorosa para a pesquisa do historiador, que quer dialogar com criações imaginárias de diferentes tempos sobre a vida urbana. Dessa maneira, como destaca Bolle, em sua análise sobre Walter Benjamin:

O trabalho retrospectivo da memória e o da imaginação se confundem – lembrando o estudo clássico de Aristóteles, segundo o qual “a parte da alma à qual pertence a memória (*mnéme*) é a mesma da qual nasce também a imaginação (*fantasia*)” e por decorrência, a representação de uma época.¹

Desse modo, a literatura constrói diferentes representações que, com certeza, apresentam estreita interseção com realidades concretas da urbe, tais como: vida cotidiana; topografia; traçados de ruas, avenidas e praças; ambientes urbanos; mapas afetivos; planta social; monumentos; atividades econômicas; e locais de vivência de diferentes sociabilidades, como bares, cafés, escolas, igrejas, livrarias e clubes.

A literatura revela a cidade de uma forma específica, diferente de como o faz o texto histórico. Mas o diálogo entre história e literatura fornece ao historiador, além de expressivas representações sobre épocas específicas, uma variedade de registros sobre as relações das pessoas entre si e sobre as relações das pessoas com o espaço urbano no qual estão inseridas.

O diálogo entre história e literatura não é novo. Todavia, a adoção da literatura como fonte de pesquisa pelos historiadores é uma inovação que ganhou legitimidade ao longo do século XX. Essa abordagem também abriu perspectivas para a incorporação de novos temas, problemas, metodologias e fontes ao vasto universo que é a produção do conhecimento histórico.

Inúmeros estudiosos da literatura, assim como os próprios historiadores, têm demonstrado as potencialidades de diálogo da história com variadas fontes, destacando-se entre elas a literatura. Entre os autores brasileiros que têm se dedicado à produção de

conhecimento no campo da história cultural (urbana/literária) e da análise literária em sua relação com a história, destacamos Nicolau Sevcenko,² Sandra Jatahy Pesavento,³ Júlio Pinto Pimentel⁴, Sidney Chalhoub⁵ e Luiz Costa Lima.⁶ Já na produção historiográfica internacional, cabe atentar, em especial, para as obras de Hyden White,⁷ François Hartog⁸ e Roger Chartier.⁹

Todos eles têm contribuído para a produção de interpretações e análises sobre uma área de conhecimento que ousamos denominar como história cultural urbana. Inspirado pela produção desses autores, o presente ensaio, em suas curtas dimensões, analisa a interlocução entre representações literárias sobre Belo Horizonte e experiências vividas nessa cidade, por meio de escritos de Carlos Drummond de Andrade e Fernando Brant.

O entendimento que orienta o presente texto é o de que a literatura detém um poder metafórico capaz de conferir símbolos e significados aos lugares das cidades. Além disso, fornece relevantes subsídios para o tratamento histórico, em sintonia fina, da complexa relação entre tempos específicos, imaginários e modos de vida de uma cidade.

Como os relatos literários de Drummond e de Brant sobre Belo Horizonte são também relevantes registros da memória social urbana, buscaremos destacar alguns conteúdos das narrativas literárias dos dois escritores, que fazem da memória sobre essa cidade o seu principal conteúdo.

Os textos de Carlos Drummond consultados para elaboração deste ensaio foram buscados no livro *Poesia e prosa* (obras completas do autor).¹⁰ Os de Fernando Brant, no livro *Clube dos gambás*,¹¹ que reúne muitas de suas crônicas, publicadas semanalmente no jornal *O Estado de Minas*.

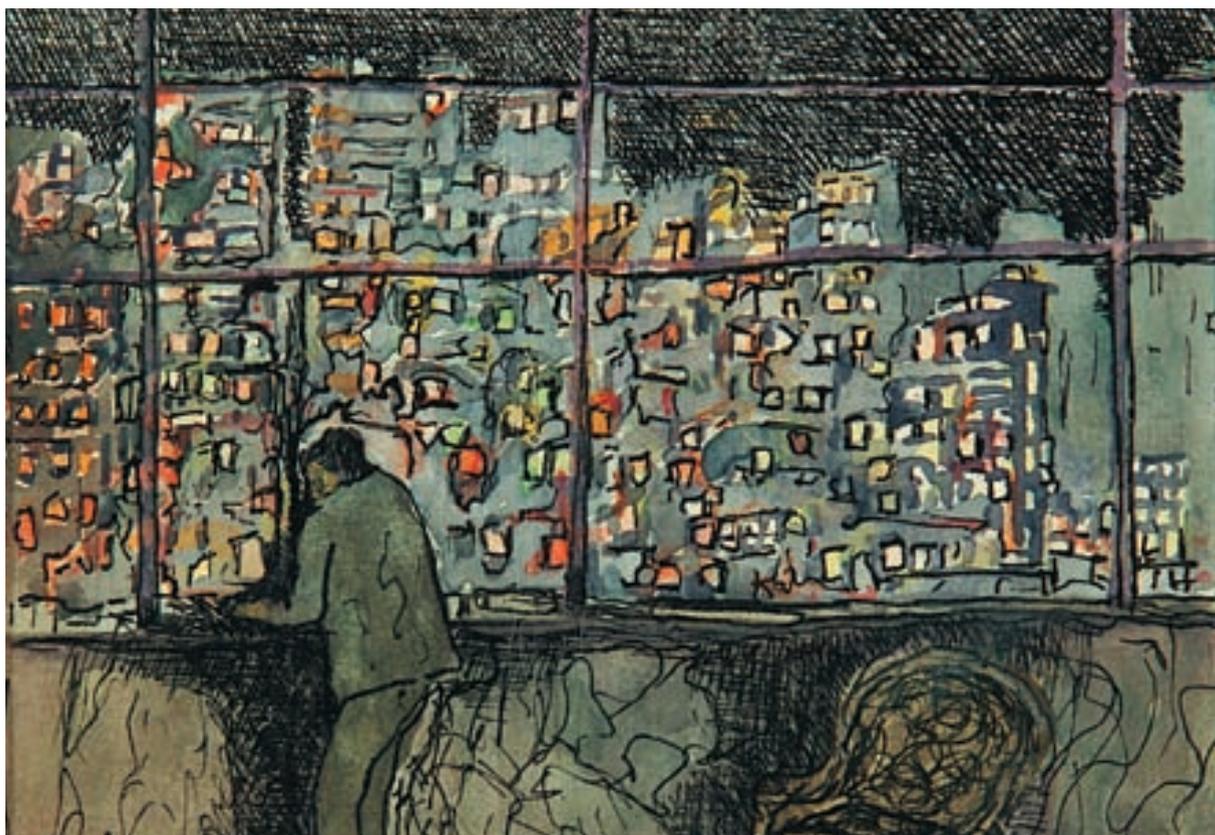
Cidade, nostalgia, memória

As cidades como *habitat* natural dos vanguardistas – escritores, artistas plásticos, intelectuais, jornalistas – constituem-se, inúmeras vezes, como cenário de lembranças pessoais e coletivas. Nesse sentido, relatos sobre as transformações da urbe e o sentimento de nostalgia enredam-se em uma rica tessitura que projeta o universo urbano no seu porvir e que, paradoxalmente, enaltece e/ou lamenta o um passado perdido.

As cidades da modernidade são caracterizadas por contínua movimentação, mudanças espaciais, transformações econômicas, intervenções no espaço público, substituição de antigas edificações por novas construções, deslocamento intenso de pessoas, ampliação espacial, construção de novos bairros, crescente agilização dos meios de transporte, abertura de ruas e avenidas, dissolução, renovação e transformação das paisagens urbanas.

De acordo com Beatriz Sarlo,¹² a cidade da modernidade passa a ser pensada, simultaneamente, como condensação simbólica e material da mudança e como *locus* de pertencimentos, de identidades e de referências das lembranças e das tradições¹³. Muitos escritores, ao se referirem à cidade desejada e à cidade transformada, conjugam em uma só realidade sonhos de transformação cosmopolita e de retenção saudosista. Nessa linha de abordagem incluem-se alguns dos grandes expoentes da literatura nacional e internacional como, por exemplo, Pedro Nava, Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Luís Borges, Umberto Eco, Orhan Pamuk e Albert Camus.

Drummond e Brant são escritores/poetas nascidos em Minas Gerais, mas integrados a gerações diferentes. Cada um deles retrata uma Belo Horizonte em tempos diversos da modernidade. Lamentam o espaço transformado e as convivências perdidas na



Renato de Lima (Ouro Preto, 1893 – Belo Horizonte, 1978). *O velho e a cidade*. Nanquim e aquarela sobre papel, 8,5 x 11 cm. Coleção Luís Augusto de Lima, Nova Lima, MG.

dinâmica das transformações espaciais e temporais que caracterizam a história dessa cidade.

A escrita de Drummond sobre a cidade de Belo Horizonte refere-se, principalmente, à década de 1920. Já Brant, representante da geração que viveu sua juventude nas décadas de 1960 e 1970, revela uma cidade mais contemporânea, mais frenética e caracterizada por perdas e transformações peculiares a um ritmo temporal cuja marca é uma incontrolável rapidez.

Nesse sentido, a inserção em temporalidades diversas e a relação afetiva com espaços diferentes da urbe distinguem

as representações/construções literárias de ambos sobre a capital de Minas Gerais. Drummond dialoga com espaços mais centrais no mapa da cidade, com destaque para a rua da Bahia. Já Brant tem seu eixo de inserção urbana localizado na região da Savassi e nos bairros dos Funcionários e da Serra, que estão um pouco mais afastados do centro nevrálgico de Belo Horizonte.

Todavia, existem características similares que os aproximam. Ambos retratam, em tom de lamento, uma Belo Horizonte marcada por transformações que a fizeram mais moderna, mas que também modificaram lugares significativos do passado de cada um deles e de



Renato de Lima (Ouro Preto, 1893 – Belo Horizonte, 1978). *Final de domingo à porta do cinema*. Nanquim e aquarela sobre papel, 10x 15 cm. Coleção Luís Augusto de Lima, Nova Lima, MG.

suas identidades juvenis. Espaços perdidos, idealizados e enaltecidos em poemas, crônicas e contos. Todos integrados ao tempo que se foi e que os consome em nostalgia. Tempos idos nos quais, segundo suas representações literárias, a cidade era mais bucólica, mais amena, mais apta ao lazer e à convivência entre amigos.

Triste horizonte

As contingências da dinâmica de modernização das cidades, seus movimentos e fluxos estão integrados a um conflito temporal, a um paradoxo, no qual se enredam,

em única trama, os movimentos da transformação e os apelos da conservação. Assim, de acordo com Gastal, “a deterioração, obrigando à reconstrução, deixa seqüelas na memória social e coletiva”.¹⁴ Nesse processo, fundem-se a saudade dos lugares, com as lembranças dos amigos e das convivências do ontem. A cidade, paisagem edificada, encontra-se com a cidade, paisagem humana e sentimental.¹⁵ Carlos Drummond, em seu poema *O Poeta*, retrata com fina sensibilidade essa relação:

CINQUENTA ANOS: espelho d'água ou névoa? Tudo límpido,
Ou o tempo corrói o incalculável tesouro?

Vem do abismo de cinquenta anos, gravura em talho doce,
a revelação de Emílio Moura.

Era tempo de escolha. Escolha em silêncio. Definitiva.

Na rua, no bar, nossos companheiros esperam ser decifrados.

Mas o sinal os distingue. Descubro, e para sempre,
a amizade de Emílio Moura.

Agora a noite caminha no passo dos estudantes versíferos.

Bem conhecemos as magnólias, as mansões *art nouveau*,
os guardas civis

Imóveis em cada esquina. Vou consultando um outro eu:
a presença de Emílio Moura [...]

Mineiros que saem. E mineiros ficam.

Este ficou, de braços longos para o adeus,

Em Belo Horizonte, rumor sem verdes, é água pura
A permanência de Emílio Moura [...]

Agora não vem mais. Agora é procurá-lo

em cinquenta anos vividos, em papéis, retratos,

é transferir a pessoa viva a um cofre de ouro:

A poesia de Emílio Moura [...]16

Mesmo que a cidade conserve inalterados monumentos, espaços de referências e signos dos lugares, inúmeras vezes as transformações interferem no que parece fixo. Esse movimento confere novos sentidos aos espaços urbanos e às suas destinações, transformam a arquitetura das edificações, interferem na estética e no visual de monumentos identitários e alimentam a nostalgia, que se manifesta como oposição ao novo. Nostalgia que sempre vem acompanhada por um sentimento de doída perda de referências.

A nostalgia, regada pela saudade, se faz presente em vários escritos do poeta Drummond. Luciana Teixeira de Andrade identifica duas fases nas suas representações sobre Belo Horizonte. Na primeira, o autor apresenta a cidade como homogênea e incaracterística. Na segunda, predominam as imagens da memória. Nessa fase, as recordações conferem nova substância aos seus sentimentos. Em nostalgia, o poeta reencontra o passado citadino, idealizando-o.

Assim, no poema *Triste Horizonte*, lamenta a cidade perdida de seus anos de juventude e a fantasia por meio de palavras como: beleza, amor, graça, perfume, leveza. São palavras, tecidas em versos, que idealizam os tempos idos e as cores claras dos anos passados.

POR QUE não vais a Belo Horizonte? A saudade ciciza
contínua e branda: Volta lá

Tudo é belo e cantante na coleção de perfumes

Das avenidas que levam ao amor,

Nos espelhos de luz e penumbra onde se projetam

Os puros jogos do viver.

Anda! Volta lá, volta já.

E eu respondo carrancudo: Não

Não voltarei para ver o que não merece ser visto.

Não o passado de cores fantásticas,

Belo Horizonte sorrindo púbere núbil sensual sem malícia,

Lugar de ler os clássicos e amar as artes novas,

lugar muito especial pela graça do clima

E pelo gosto que não tem preço,

de falar mal do Governo no lendário Bar do Ponto.

Cidade aberta aos estudantes do mundo inteiro,

inclusive Alagoas,

“maravilha de milhares de brilhos, vidrilhos”

mariodeandradecelebrada.

Não, Mário, Belo Horizonte não era uma tolice como as outras.

Era uma província saudável, de carnes leves pesseguíneas [...]

Esquecer, quero esquecer é a brutal Belo Horizonte

Que empavona sobre o corpo crucificado da primeira.

Quero não saber da traição de seus santos.

Eles a protegiam. Agora protegem-se a si mesmos.

São José, no centro da cidade,

Explora estacionamento de automóveis [...]

Sossega minha saudade. Não cicies outra vez

o impróprio convite.

Não quero mais, não quero ver-te,

Meu Triste Horizonte e destruído amor.¹⁷

Mas não foi exclusivamente através da poesia que Carlos Drummond de Andrade cantou a Belo Horizonte da sua memória viva. Crônicas e contos representam a cidade das suas lembranças, que se por um lado jaz consumida pelo sentimento do que se perdeu como vivência, por outro se conservou viva, através de vestígios, registros, experiências.

As crônicas de Drummond dialogam com o passado do jovem poeta e da outrora juvenil Belo Horizonte. O escritor, de forma recorrente, lamenta as espessas camadas de tempo depositadas sobre a cidade, alterando-lhe o visual. Dessa forma, contrapõe o passado ao presente. E ao fazer reviver o passado insurge-se contra o esmaecimento das lembranças, alimenta-se do outrora. E o faz com estilo sofisticado, como na crônica *Ascânio Lopes*, datada de 1931, ano paradoxalmente muito próximo da década de 1920.

A passagem de Ascânio Lopes pela Rua da Bahia é o único capítulo de sua vida que eu conheço, e esse capítulo me enche de saudade [...].

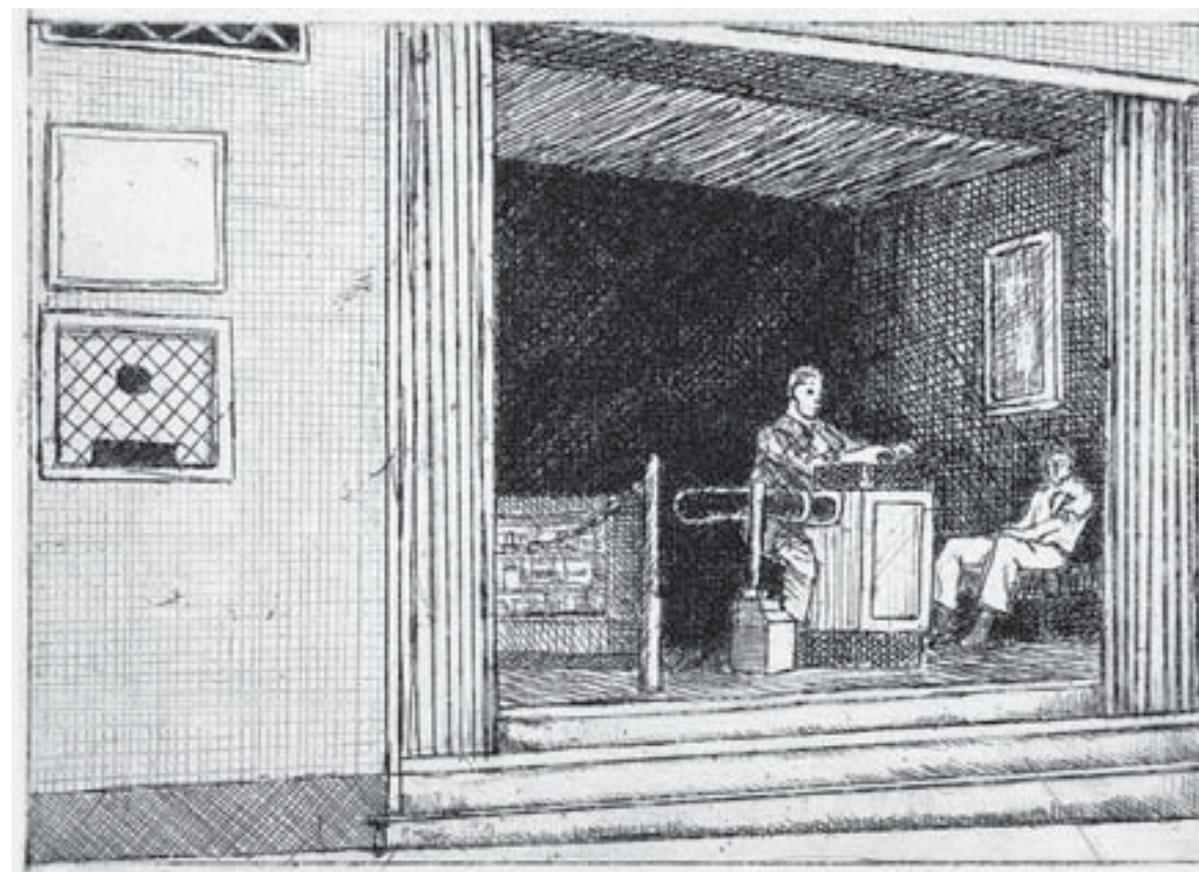
Apresentado a Ascânio, ele sorriu para mim com timidez, disse duas ou três palavras só. Fiquei gostando desse moço com quem seria incapaz de manter uma longa conversa (e daí, para que uma longa conversa), mas em quem enxergava uma alma finamente colorida, meiga, séria e encharcada de poesia. Não pretendo entender muito de almas; julgo, porém, ter encontrado desde o primeiro dia a chave desta, que por pudor nunca chegarei a abrir. Desse modo, distante, mas realmente bem perto de Ascânio, eu fui um de seus amigos mais certos.

Tinha 23 anos e não se poderia dizer que viveu, se não fosse a poesia, que inundou o seu minuto apressado sobre a terra [...].

Era ainda naquele tempo (bom tempo) em que se tomava cerveja e café com leite na Confeitaria Estrela. Entre dez e onze horas, o pessoal ia aparecendo e distribuindo-se pelas mesinhas de mármore. Discutia-se política e literatura, contavam-se histórias pornográficas e diziam-se besteiras, puras e simples besteiras, angelicamente, até se fechar a última porta (você se lembra, Emílio Moura? Almeida? Nava?) [...]18

Trata-se de um texto que apresenta imagens cravadas no mais profundo sentimento do autor. Retrata um contexto histórico que se esvaiu na dinâmica inevitável de transformação da cidade. Nesse sentido, a crônica fala de uma fase da vida pessoal e social do escritor, também inscrita na memória e na história da cidade. Uma etapa de sua trajetória, na qual a paisagem urbana e as relações de amizade compõem um mesmo cenário.

De fato, os textos de Carlos Drummond de Andrade, que tem na memória a fonte inspiradora de sua escrita, também traduzem sua percepção espacial/ topográfica de Belo Horizonte e as transformações que ocorreram na cidade ao longo dos anos.



Paulo Pardini (Poços de Caldas, 1952). Gravuras em metal da série *Cine Pathé*, 1987. Coleção do artista.

O escritor, ao lembrar sabores, odores, edificações, conversas infundáveis e semblantes dos amigos, transita do tempo do presente para o tempo do passado e vice-versa. Em sua viagem decodifica a memória e seus sentidos individual e coletivo. Recria o que viveu como lembrança plena de significados e de saudade. Faz da imagem urbana tessitura dos laços de amizade, assombro pelas descobertas, consciência coletiva do que passou, materialidade imagética. Traduz com maestria a quintessência de uma época, com seu cotidiano, modos de pensar, de conviver, de agir e de representar o mundo.

Tudo o que viveu, nas largas ruas da cidade de Belo Horizonte de seus anos de juventude, é evocado como valores, sentidos, sentimentos, experiências. Todas as sensações e emoções que experimentou nos dias de sua juventude encontram na cidade seu lugar de significado. O texto do poeta-maior enquanto memória viva recria tanto o passado pessoal do escritor como o passado coletivo de jovens mineiros, que nos idos anos de 1920 fizeram dos espaços públicos da moderna capital de Minas Gerais locais de convivência e de descobertas.

A cidade é por ele representada como lugar de cultivar afetos, que sobreviveram ao tempo, e como registro de experiências pessoais, que muito dizem das experiências coletivas, dos modos de nela se viver e da própria história da urbe.

Nós, os montanhese

Fernando Brant, poeta de canções, é também cronista. Escritor memorialista, dedica-se, em várias de suas crônicas, a traduzir em palavras a saudade de sua

meninice e de sua juventude. Sem pudor, derrama nostalgia ao lembrar o tempo por ele vivido na cidade de Belo Horizonte, em especial nos anos de 1960. Compara, com assumida saudade, a cidade acolhedora do ontem com a cidade frenética do hoje.

Jogávamos bola em uma região hoje impensável, avenida Getúlio Vargas, entre as ruas Aimorés e Maranhão. Fazíamos, sem saber, uma certa poesia quando nos juntávamos para inventar malabarismo e gols, quando suávamos na busca honesta e bela da vitória. A pelada na



Belo Horizonte - Minas - Brazil
Noite de chuva - 3-7-11

rua era o espaço de construção das memórias que permanecem.¹⁹

Empenha-se também, em diferentes ocasiões, em exorcizar o fantasma das mudanças, que destrói vestígios, laços, referências espaciais das cidades e lugares da memória, conforme expressão cunhada por Pierre Nora.²⁰ Nos escritos de Brant o passado é glamorizado e a perda de seus referenciais, lamentada. Aproxima-se de Pedro Nava, que também criticou em seus livros de memórias a existência e a proliferação de ações de desrespeito ao patrimônio cidadão. Assim, na crônica *Belo Horizonte Chorando*, Brant manifesta sua indignação frente às atitudes de desconsideração pelo patrimônio edificado da cidade.

Ó Belo Horizonte da Boa Viagem, dos projetos e sonhos republicanos. Por onde andam os que te amam e não protestam diante da infâmia? Eles foram derrubando as casas, traiçoeiramente, ao longo dos anos quando todos dormiam [...]. Vizinhos perceberam e chamaram a polícia [...]. Eram duas casinhas em frente à Igreja da Boa Viagem. Uma do ano da inauguração, a outra um pouquinho mais nova. E os donos da Casa Arthur Haas, com autorização de algum insensível juiz, atizado por um maldito bacharel, as destruíram. O que os donos das casas vizinhas à Boa Viagem fizeram foi crime. Crime contra o patrimônio público. Crime contra a cidade. Crime contra os que amam Belo Horizonte. Não sei quais os argumentos os causídicos da má causa utilizaram para atacar a cidade e defender a demolição de nossa memória [...].

Belo Horizonte chora e eu também choro. Já que a justiça não se fez, não compro mais na Casa Arthur Haas.²¹

Em seus escritos, Brant constrói também um movimento de fusão da cidade de Belo Horizonte com o Estado de Minas Gerais, e vice-versa. Reproduz e constrói várias representações sobre o que é ser mineiro, amalgamando-as às características, valores e modo de ser do habitante de Belo Horizonte. Transforma suas crônicas em espaço de divulgação das tradições inventadas pelos habitantes das Minas e das Gerais.²² Nesse sentido, a imagem do mineiro como um homem montanhês, acolhedor, reservado, criativo, generoso e defensor dos valores da liberdade é por ele reproduzida com a convicção de que a alma do mineiro, que reúne diversidades regionais, conflui em complexa trama para o núcleo centralizador do Estado, sua capital – Belo Horizonte.

A cidade nasceu do ventre das montanhas [...]. Foi por descobrir que esse era um lugar bonito para se viver que o mineiro do século XIX quis fazer aqui a cidade capital. Não há como pensar em Belo Horizonte sem a serra do Curral. Não há como andar pelas ruas, avenidas e bairros sem vê-la, sem sentir sua presença protetora, o olhar de mãe que nos vigia e guarda.

Serranos os que vivem em Belo Horizonte, mineiros dos sertões e dos gerais, montanheses de todos os cantos, somos filhos de pedra e água [...]. O mineiro é um “*fool on the Hill*” e Belo Horizonte é a síntese de tudo o que Minas é e de tudo em que em Minas há. Se Minas são várias, todas elas estão aqui representadas pela cultura e modo especial de ser do povo de todas as terras mineiras, norte, sul, leste e oeste e suas peculiaridades [...].

Belo Horizonte tem o dom/ De juntar a emoção de quem sonha/ à liberdade de viver [...] Silenciosa sedução/ De montanhas e azuis/ E belezas juvenis. /A cidade de amizades eternas/ Abre o coração para quem vier. /Belo Horizonte é a canção de todos nós.²³

Tarefa sobremodo delicada é a de penetrar nos significados e vivências do passado que são reconstruídos no presente, eis que de acordo com Lowenthal conhecer o passado é como contar estrelas.²⁴ Além disso, a memória é como um cristal de múltiplas faces. É vivência heterogênea de tempos que se acumulam como camadas.²⁵ Portanto, a memória, em sua tessitura, é diálogo da experiência coletiva com a vivência individual. Traz em si temporalidades, lembranças, esquecimentos, lugares e relações humanas. Dialoga com a história-conhecimento e busca na história-vivência seus elementos constitutivos.

Ao fazer do cristal da memória expressão de uma forte nostalgia, Fernando Brant resgata o cenário de uma cidade bucólica, clara, com ruas e movimento adequados ao lazer das crianças e à convivência dos jovens. Expressa, com recorrência, a idealização de uma urbe mais delicada e acolhedora. Uma Belo Horizonte perdida, mas sempre refletida como imagem ideal no espelho de sua memória. No movimento de diálogo entre o tempo do hoje e o tempo do ontem, exalta o que passou e identifica a cidade do antes como local de virtudes urbanas, contrapostas às inúmeras mazelas do tempo presente.

Sabemos que as idéias e sentimentos viajam no tempo e são reciclados ao longo da vida. Sabemos que essas reciclagens são instruídas pela realidade material e pelas condições de vida do tempo do hoje. A tradução desse diálogo por escritores, especialmente pelos cronistas que buscam inspiração no cotidiano, é, portanto, importante registro sobre a vida das cidades em épocas específicas. Com Fernando Brant estamos visitando a Belo Horizonte da década de 1960, com o olhar e a sensibilidade de quem vive no alvorecer do século XXI. Portanto, ao se reportar à cidade do tempo do antes, o cronista dialoga com pessoas, lugares e valores. Assim, em sua crônica *Minas é o meu lugar* afirma:

Aqui, nesta cidade de montanhas e árvores, de amigos encontrados em cada esquina, fui aprendendo a lapidar conversas e estudos, a arte sublime da convivência, da compreensão, da democracia em seu grau mais amplo [...].²⁶

Em outra crônica, intitulada *Cada macaco em seu galho*, o autor também visita sua infância em Belo Horizonte e transforma em texto suas lembranças referentes aos espaços públicos e às ruas de uma cidade que acolhia os pés e a movimentação de meninos, que sentiam desbravar o mundo ao se deslocar pela urbe.

O meu tempo, o tempo dos meninos daquela época e mundo, era passado tanto em terra, como no ar. Se não havia a bola a nos enfeitigar para que corrêssemos com e atrás dela, nossa parada era sempre o alto das árvores, as grimpas. Árvores de frutas ou o ficus que ensombream nossa Beagá. Ali se conversava, se planejavam brincadeiras e astúcias, ali o universo era particular, só nosso, os capazes de ficar horas sentados ou deitados nos galhos de nossa casa vegetal. Ali se estudava e se matava aula, dali se podia ver a namorada desejada sem que ela nos visse. Ali todos os sonhos eram possíveis e nunca houve nenhum de nós que caísse ao acordar desses sonhos.

Com refinada sensibilidade, o cronista busca repassar para os jovens do século XXI imagens de uma cidade transformada em história, de uma cidade descaracterizada ou recaracterizada pelo ritmo incessante do mundo pós-moderno, que, com seu frenesi, transforma a paisagem urbana, reordena seus espaços e confere novo significado a seu repertório cultural.

É difícil passar para as novas gerações o que era Belo Horizonte há trinta anos [...] por mais que eu descreva com detalhes a cidade arborizada

daqueles tempos, a quase ausência de carros, as peladas no meio da rua, a segurança total que respirávamos nas noites e madrugadas, eles sempre me olham com olhar de quem não capta bem o que estou explicando [...].

Muito mais provinciana, a cidade era pequena para os nossos olhos de hoje, menos cultural e mais bucólica [...]. Não olho para trás com saudade, olho com memória. Com muito prazer, naturalmente [...].²⁷

Como Drummond, Brant também inscreve na paisagem da cidade suas redes de relações afetivas, de amizade, convívio e celebração da vida. Sua narrativa recupera espaços e semblantes; afeições e lugares de vivência da afetividade. Constrói uma imagem urbana que contém formas de cultivar, nos espaços da cidade, sentimentos de compartilhamento de experiências. Nessa perspectiva, seu relato literário é também uma descrição sobre os diferentes tipos de sociabilidades que qualificam o urbano e que, conforme sua configuração (no caso, parceiros do mundo musical), projetam o local no nacional.

Música em Minas jorra como fonte, somos caixa d'água e caixa de música do país [...]. Nossas músicas são muitas, diversas [...]. Eu falo de minha experiência, há trinta anos colocando palavras nas melodias de diversos parceiros: Milton Nascimento tem seu universo, o de Tavinho Moura é outro, diferente é o do Toninho Horta, variadas são as trajetórias de Nelson Ângelo, Wagner Tiso, Lô Borges e Beto Guedes. O mais interessante é que eles têm uma identidade, uma essência que os une. São os mistérios de Minas.

O fato é que a gente anda pelas ruas de Beagá e a todo momento se encontra com as vozes femininas mais belas, o ninho das cantoras parece ser aqui.

E também o ninho dos violonistas, violeiros e guitarristas. Músicos e compositores de todos os gêneros enriquecem as pautas da cidade.²⁸

Cidade, história e memória

As representações literárias sobre Belo Horizonte são diversificadas, são inúmeras. Neste ensaio elegemos analisá-las através dos escritos de dois autores que desenvolveram profundos laços de afeto com a cidade. Como seu viu, Carlos Drummond e Fernando Brant retratam em sua escrita imagens sobre o cotidiano dessa cidade em época diferentes. São representações construídas nos muitos relatos, alimentados pelas memórias individual e coletiva. São imagens que falam à história e que contribuem para a construção da trajetória social da cidade e de seus habitantes.

Dessa forma, suas experiências são recriadas e redimensionadas como memória literária (e por que não também histórica?), que articula lembranças, reafirma mitos e tradições, confere significado ao tempo e ao espaço, retrata impasses da modernidade, dialoga com o ritmo cambiante da urbe, fornece conteúdos para construção do conhecimento histórico e, finalmente, atribui significado aos lugares da cidade.

Nesse breve percurso, em que se analisam através dos olhares dos dois escritores os paradigmas constitutivos da cidade moderna, buscamos demonstrar como estão mesclados os registros de suas memórias individuais com a memória coletiva da urbe. Encontramos, na expressão literária, conteúdos de historicidade ancorados na dinâmica da temporalidade e na sensibilidade dos escritores. Os cenários da Belo Horizonte por eles traduzidos em versos e em crônicas, além de expressarem uma densa e complexa realidade, incorporam forte identidade utópica. E não são as utopias esteios da história?

Notas |

1. BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna*. São Paulo: Edusp, 2000. p. 329.
2. SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
3. PESAVENTO, Sandra Jathy. *O imaginário das cidades*: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre. 2. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
4. PINTO, Júlio Pimentel. *Uma memória do mundo*: ficção, memória e história em Jorge Luís Borges. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
5. De Sidney Chalhoub, destacamos os seguintes livros entre outros: *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986; e *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989 (em conjunto com Leonardo Affonso de M. Pereira).
6. LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
7. WHITE, Hayden. *Meta-História: a imaginação histórica no século XX*. São Paulo: Edusp, 1992.
8. HARTOG, François. *L'art du récit historique: passes recomposés*. Paris: Gallimard, 1995.
9. De Roger Chartier destacamos: *L'écriture de l'histoire*. Paris: Gallimard, 1975; além de *El pasado en el presente: literatura, historia e memoria*. In: *ArtCultura*. Uberlândia: Edufu, 2006, v. 8, n. 13, p. 7-20; e de *Inscrever & apagar: cultura escrita e literatura*. São Paulo: Editora da Unesp, 2007.
10. ANDRADE, Carlos Drummond. *Poesia e prosa*. São Paulo: Nova Aguilar, 1983.
11. BRANT, Fernando. *Clube dos gambás*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
12. SARLO, Beatriz. *Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
13. As interpretações, desenvolvidas no presente texto, sobre a tensão entre memória/retenção e transformação dialogam com o livro de Luciana Teixeira de Andrade. *A Belo Horizonte dos modernistas: representações ambivalentes da cidade moderna*. Belo Horizonte: PUC-Minas; C/Arte, 2004.
14. GASTAL, Susana. *Alegorias urbanas: o passado como subterfúgio*. Campinas: Papirus, 2006. p. 129.
15. Os companheiros de juventude de Carlos Drummond de Andrade constituíram um grupo de amigos que Cury identifica como responsável pela chegada do movimento modernista em Minas Gerais. Era formado, além de Drummond, pelos seguintes escritores: Emílio Moura, João Alphonsos, Pedro Nava, Aníbal Machado, Ascânio Lopes, Alberto Campos, Abgar Renault, Aquiles Vivacqua, Milton Campos e Mário Casassanta. CURY, Maria Zilda. *Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
16. ANDRADE, Carlos Drummond. As impurezas do branco. In: _____. *Poesia e prosa*, p. 479-480.
17. ANDRADE, Carlos Drummond. Confissões de Minas. In: _____. *Poesia e prosa*, p. 923.
18. ANDRADE, Carlos Drummond. Ascânio Lopes. In: _____. *Poesia e prosa*, p. 920-922.

19. BRANT, Fernando. Sica e os poemas do Maia. In: _____. *Clube dos gambás*, p. 35.

20. NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*: La Republique. Paris: Gallimard, 1994.

21. BRANT, Fernando. Belo Horizonte chorando. In: _____. *Clube dos gambás*, p. 258.

22. O termo *tradições inventadas*, conforme utilizado no presente ensaio, foi buscado no livro: *Invenções das tradições*, de Eric Hobsbawm e Terencer Ranger, em sua edição brasileira datada de 1984.

23. BRANT. *Clube dos gambás*, p. 228-230.

24. LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto História*, São Paulo, n. 17, p. 73, 1998.

25. Sobre a complexidade da memória e suas múltiplas representações, as interpretações desenvolvidas neste ensaio, foram buscadas no seguinte livro de minha autoria: DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

26. BRANT, Fernando. Minas é o meu lugar. In: _____. *Clube dos gambás*, p. 12.

27. BRANT, Fernando. Os jovens e a cidade. In: _____. *Clube dos gambás*, p. 252-254.

28. BRANT, Fernando. A música em Belo Horizonte. In: _____. *Clube dos gambás*, p. 272.

Lucília de Almeida Neves Delgado foi professora da UFMG de 1978 a 1996. Atualmente é professora titular do Curso de Graduação em História e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-Minas. É autora, entre outros, do livro *História Oral: memória, tempo, identidades* (Autêntica) e organizadora da coleção *O Brasil Republicano* (Civilização Brasileira, 4 vol.), em conjunto com Jorge Ferreira.



P.R.I. 3 Rádio Inconfidência



P.R.C. 7 Rádio Mineira



P.H.H. 6 Rádio Guarani



Imprensa Oficial



Estado de Minas e Diário da Tarde



Folha de Minas



O Diário



Panair do Brasil



Aerovias Brasil



Navegação Aérea Brasileira



Job Fernandes da Costa Eng. Civil



Dr. José Andrade da Costa Eng. Civil



Maquete Parcial da cidade - Por Prancelina e Helio Pires



Sul-América Cia. de Seguros



Equitativa Cia. de Seguros



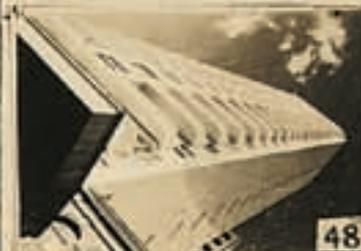
Aliança da Bahia Cia. de Seguros



Banco do Brasil



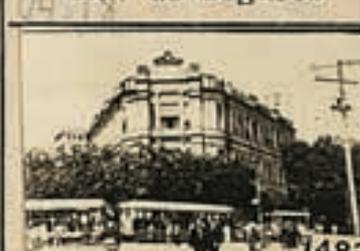
Banco de Minas Gerais



Banco Financeiro da Produção



Banco da Lavoura de Minas Gerais



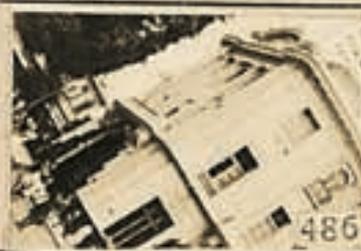
Banco Hipotecario de Minas Gerais



Banco do Comércio e Indústria



Banco Crédito Real



Banco Mineiro da Produção



Banco Belo Horizonte e Crédito Comércio



Banco Industrial de M. G.



Banco Crédito Mútuo e Banco de Londres



Coop. Banco do Comércio e da Produção, Ltda



Cia. Força e Luz de Minas Gerais



Cia. Telefônica Brasileira



Cartório Bolívar



Cidade Ozanã



Cidade Industrial



Exposição de Animais - Gameleira



Mapa do traçado da Cidade



498



499



500



501



502



503



504